

—É por isso. —Ela está pagando muito! Taylor franziu a testa. Aquele motivo realmente não deixava espaço para rebate, afinal, ele mesmo estava lutando com o dinheiro do Departamento Militar. Agora, parecia mesmo que deveria ajudar. Todos os mundos que ele havia defendido até agora também pagavam o Dízimo Imperial — ou, em outras palavras, a "taxa de proteção" do Imperador. Portanto, ele tinha essa responsabilidade. Como o acordo já estava feito em nível superior, a natureza da coisa mudara. Taylor acenou com a cabeça. —Admito que não gosto dela, mas não vou trazer questões pessoais para cá. Por dentro, xingou a mulher umas trezentas vezes. Mas, ao lembrar que os suprimentos que comia e as munições que disparavam saíam do bolso dela, Taylor sentiu a garota ficar um pouco mais simpática — mesmo que ela tivesse tentado forçá-lo a "aceitar favores" no passado. Isso era outra história. Agora, ela era quem financiava a guerra. Pouco depois, quando a nave de transporte chegou, o enorme Cruzador Classe Lua já estava visível no vazio do espaço. Aquele monstro cinza era difícil de imaginar como obra humana — e, tecnicamente, pertencia a uma só pessoa. E Taylor, como comandante (embora ele não se considerasse assim), teria de se apresentar àquela mulher. Quando ele, o velho Taikess e os oficiais entraram no salão principal, encontraram uma ponte de comando que mais parecia um trono de metal. A janela imensa exibia um mar de estrelas. Cabos se espalhavam pelo chão, enquanto servos corriam para lá e para cá. Tudo girava em torno daquele trono metálico. E lá estava Bai Lan Tilu, recostada como uma criança descontraída, pernas cruzadas, brincando com a barra de seu vestido luxuoso. Lia um romance de cavalaria enquanto, de vez em quando, mexia distraidamente no mapa estelar. Mas ninguém ousaria subestimá-la. Ela era a soberana da dinastia, mantendo trinta mundos — cada um com bilhões de pessoas — funcionando sem falhas. Seu trono girou automaticamente quando Taylor se aproximou, e seu rosto se voltou para ele. Taylor viu os traços delicados dela. O mordomo ao seu lado agora era um homem mais velho, com implantes metálicos e modificações cerebrais anormais. O xerife havia sido substituído por um homem que parecia saído de uma lei urbana de uma colméia-hive. Então, ela fechou o livro. —Eu disse que nos veríamos de novo. Seu sorriso era dócil e encantador, mas Taylor só sentiu um frio na espinha. Ela continuou. —Como foi lutar ao lado de um Santo? Como são os demônios? Taylor respondeu, sério. —Isso é classificado. Como você sabe? Por dentro, xingou os incompetentes da Inquisição. Como podiam ser tão rigorosos com civis, mas tão lenientes com alguém como ela? Ela pensou um pouco. —Se soubesse quanto dinheiro eu dei à Inquisição, entenderia. Todo mundo precisa da amizade de uma soberana dinástica... especialmente de uma como eu. Ela se espreguiçou, provocante. —Quer apostar quanto a Inquisição recebeu? Taylor cortou o assunto. —Senhora, estou aqui por dever. Quando o trabalho acabar, vou embora. Ela suspirou, então continuou. —Então vamos falar do seu dever. Erguendo a cabeça com um ar de superioridade, sorriu. —Primeiro: um bando de malditos invadiu meu mundo, trazendo a fé e a corrupção dos seus deuses. —Segundo, segundo as informações, aquele mundo já caiu. O comandante local, o Lorde de Khusbau, um major-general leal da Guarda Imperial, se tornou um servo do Caos. —Ele foi seduzido por uma bruxa do Caos. Na verdade, ele se entregou de bom grado, virou o cachorrinho dela. Por um instante, Tilu deixou transparecer raiva — como se questionando: "Será que meu charme perde para o dela?" Até ela ficava com ciúmes? Uma soberana dinástica? Taylor achou graça da situação. Quem diria que essa mulher fria tinha um lado fofo? Mas Bai Lan Tilu o interrompeu. —Sr. Taylor, o motivo pelo qual o convidei é justamente esse. —Mas vou explicar com calma. Aquele mundo é agrícola, responsável por abastecer o Setor de Cadia — especialmente o próprio Cadia. Taylor ficou alerta. —Cadia? Aquela que segura o Olho do Terror? Onde estão as forças mais elites da Guarda Imperial? A mulher assentiu. —Ele fica perto de Cadia, então é crucial logisticamente. Por isso, muita gente no Império está disposta a pagar bem pela sua reconquista. —Essa missão não envolve só vocês. Outras forças estarão presentes... mas a origem delas não é das mais limpas. —Pelo que sei, contrataram alguns orkos Machado Sangrento. Taikess fez uma careta. —Orkos? Eles não estão ali só para atrapalhar? Tilu explicou. —São bons mercenários. Além deles, há Astartes — combinaram comigo que participariam. Taylor franziu a testa. —Que tipo de Astartes decente luta por dinheiro? —Os Tubarões Devoradores. A expressão de Taylor se acalmou. Ah, isso fazia sentido. Aquele Capítulo ficava vagando pelas fronteiras do

Império, sempre carente de suprimentos e equipamentos — muitos deles, velhos e malconservados. Eles não tinham um Mosteiro de Batalha nem um mundo natal. Exilados pelo Império, ainda que leais, eram excluídos dos privilégios dados a outros Astartes. Eram basicamente nômades, sobrevivendo através de... Digamos, "taxas de sangue" e "tributos". Taylor ainda estava ponderando se aqueles caras não eram tão bagunceiros quanto os orkos, quando Tilu soltou outra bomba. —E o principal motivo pelo qual quero o Sr. Taylor nessa missão... é que você já teve contato com aquela bruxa herege e resistiu à tentação dela. Taylor ficou confuso. —Eu? Nunca me envolvi com nenhum psíquico ou bruxo, isso não faz sent— Parou no meio da frase, lembrando do cheiro enjoativo de laranja podre. Ah... —...faz sentido, faz... Esfregou as têmporas, exausto, e resmungou. —Isso que dá dar mole com florzinha do mal... Capítulo 120 - Os Tubarões Devoradores Taylor estava em seu quarto, lendo um livro, num aposento próximo ao da Senhora Comerciante Nômade. Aquela proximidade o deixava sem nenhuma sensação de segurança — seja por causa do perigo que ela representava, seja pelos possíveis ataques que poderiam surgir a qualquer momento. Para ser sincero, ele tinha a impressão de que aquela mulher estava planejando usá-lo como guarda-costas gratuito. — Eu não me vendi a uma dinastia de comerciantes! — resmungou Taylor, jogando-se com raiva na cama de seda macia. Ele desfrutava de um quarto individual de quase 60 metros quadrados, com banheiro separado, um luxo que nem mesmo os oficiais da Marinha Imperial costumavam ter. — Meu Deus, a Marinha Imperial nunca me tratou assim... — pensou, embora todo aquele conforto não fosse suficiente para abalar sua determinação. Ele sabia muito bem que, se acabasse engravidando aquela soberana nômade — solitária e três anos mais nova que ele —, seus problemas só estariam começando. Se envolver com uma dinastia de comerciantes não era uma decisão sábia. Pelo menos no Exército Imperial, havia a possibilidade de se aposentar um dia. Mas se vendesse sua liberdade a uma dinastia mercante, seria uma servidão eterna. Além do mais, isso basicamente significaria se casar por interesse. Taylor tinha braços, pernas e uma carreira estável. — Não preciso viver às custas de ninguém — pensou, convencido. E, convenhamos, casar-se com uma comerciante nômade nem sequer poderia ser considerado "viver às custas de alguém". Aquilo significaria assassinatos, intrigas e uma enxurrada de problemas. Se tudo desse errado, ele sempre poderia voltar para Morsenraid e assumir seu título de barão. Lá, teria um castelo e inúmeras mulheres interessadas nele. Por isso, diante das investidas da Senhora Comerciante, Taylor mantinha uma postura deliberadamente fria. Mas, ironicamente, sua indiferença só parecia alimentar ainda mais o desejo da Rainha dos Comerciantes. Tanto que, naquele exato momento, ela o observava secretamente através de uma câmera escondida em seu quarto. Seus dedos finos, cheios de possessividade, anotavam meticulosamente cada detalhe da rotina de Taylor: quando ele esculpia pequenos ornamentos, quando praticava tiro, até o tipo de tecido que usava para enxugar o suor após os treinos. Agora, deslizando os dedos pela tela de seu tablet, vestida em um sedutor camisolão de seda, ela observava com languidez o homem que tanto a intrigava. Sim, o quarto de Taylor tinha câmeras. Mesmo que ele tivesse feito uma varredura minuciosa ao se instalar, contra os recursos de uma soberana mercante, suas precauções pareciam ingênuas. Bran Deliru passou os dedos pelo próprio rosto, observando Taylor ler. Ele havia feito uma anotação à margem de um clássico da literatura imperial, ao lado de uma frase que dizia: "Esforço e coragem são o caminho para superar adversidades e conquistar uma vida melhor." A anotação de Taylor estava em uma língua antiga, de um império desaparecido há eras. Bran Deliru precisou consultar o melhor tradutor estelar de sua dinastia para decifrá-la. A tradução literal? "Bobagem." Depois de refletir, o mestre tradutor ofereceu uma interpretação mais poética: "Uma planta antiga abre a boca e profere oito caminhos." Bran Deliru assentiu, impressionada. — O guerreiro que escolhi é mesmo culto — murmurou, embora ela mesma não tivesse entendido direito. Mas agora não era hora de divagações. Eles estavam se aproximando do mundo-alvo, onde fariam contato com o Capítulo Tubarões Devoradores. — Vou mandar Taylor lidar com isso. Quero ver como ele vai conquistar a confiança daqueles brutamontes antissociais — sussurrou para o tablet, com um sorriso malicioso. A expressão demoníaca dela foi tão intensa que Taylor, lá no quarto, sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Dias depois, ele foi convocado para a sala de comando. Já estava começando a se acostumar com

aquele tratamento. Todos o tratavam como um major ou coronel do Exército Imperial, embora ele fosse apenas um tenente. Era irritante. Reuniões eram sempre um incômodo. Assim que entrou, sentiu vários pares de olhos gélidos fixados nele. Eram gigantes de pele pálida, como os membros da lenda dos Corvos Sombrios. Suas armaduras, porém, não eram pintadas de branco — o tom acinzentado vinha de anos de batalha, cobertos de poeira, piche e marcas de bala. As armaduras estavam cheias de cortes e furos, e as armas na cintura pareciam velhas e malcuidadas. Taylor reconheceu aqueles modelos. Lera sobre eles nos arquivos dos Astartes: eram armaduras de combate expedicionário, forjadas há mais de dez mil anos, durante a Grande Cruzada. Teoricamente, já estavam obsoletas há oito milênios. — Que coisa velha... — pensou. Nos ombros das armaduras, viam-se marcas brancas de tubarões. Havia apenas dois Astartes no salão: um segurando um cajado, provavelmente um bibliotecário, calvo e com a pele cadavérica; o outro era um guerreiro típico, com cabelos ralos — Taylor se perguntou se a semente genética deles afetava o crescimento dos fios.

<http://portnovel.com/book/29/4890>